

A LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS NARRATIVAS DE MARIA FELIPA E TEREZA DE BENGUELA

MJS

Introdução

A literatura de cordel ocupa lugar relevante no conjunto das manifestações da cultura popular brasileira, especialmente no Nordeste, onde consolidou formas próprias de circulação, oralização e transmissão de saberes. Segundo Abreu (1999), trata-se de uma produção que não deve ser reduzida a um repertório folclórico secundário, pois nela se articulam modos de narrar, interpretar e disputar sentidos sobre a realidade. Na mesma direção, Cascudo (2006) observa que a literatura oral participa da preservação de experiências coletivas e da continuidade de imaginários sociais, o que a torna particularmente significativa para o trabalho pedagógico com memória, linguagem e cultura. No campo escolar, essa potencialidade ganha ainda mais força quando se considera que a BNCC reconhece, no campo artístico-literário, a legitimidade do trabalho com cordéis e textos versificados, vinculando-os a habilidades de leitura, apreciação estética, oralidade e performance nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Brasil, 2018).

No interior dessa tradição, a obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, de Jarid Arraes (2017), merece atenção por reunir narrativas que deslocam o olhar da história oficial e reinscrevem no espaço da palavra poética mulheres negras cujas trajetórias foram, durante muito tempo, minimizadas ou silenciadas. Como observam Alves e Fronza (2021), a relevância da obra decorre não só da temática que mobiliza, mas também do fato de atualizar o cordel como forma de intervenção cultural e política. Entre as figuras homenageadas, Maria Felipa, associada às lutas pela Independência na Bahia, e Tereza de Benguela, vinculada à liderança do Quilombo do Quariterê, figuram como personagens que condensam resistência, inteligência estratégica e protagonismo feminino negro.

Essa discussão pode ser ampliada a partir de Pollak (1992), para quem a memória social não é neutra, mas resultado de seleções, enquadramentos e disputas simbólicas. Desse modo, quando a escola trabalha com textos que recolocam em circulação sujeitos apagados pelos registros dominantes, não realiza apenas uma atividade de leitura literária, mas também uma ação de reposicionamento ético e histórico. Em diálogo com Freire (1996), entende-se que a leitura da palavra precisa abrir caminho para a leitura crítica do mundo. Nesse horizonte, o objetivo deste trabalho é analisar as possibilidades pedagógicas dos cordéis de Maria Felipa e Tereza de Benguela, de Jarid Arraes, considerando de que modo tais narrativas contribuem para a construção da memória histórica, para a valorização de protagonismos negros femininos e para a formação crítica de estudantes do Ensino Fundamental.

Metodologia

O estudo desenvolve uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico. O *corpus* é constituído por dois cordéis da obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, de Jarid Arraes (2017), dedicados a Maria Felipa e Tereza de Benguela. A análise articula três eixos. O primeiro considera contribuições de Abreu (1999) e Cascudo (2006) sobre a literatura de cordel e sua inserção na cultura brasileira. O segundo mobiliza Pollak (1992) e Freire (1996), a fim de compreender a relação entre memória, formação e leitura crítica. O terceiro recorre à Retórica, sobretudo à noção de *ethos* em Aristóteles (2005), bem como a reflexões de Bini e Sella (2023), para observar como escolhas linguísticas e discursivas constroem imagens de

credibilidade, pertencimento e exemplaridade nos textos analisados. Também se toma como referência a BNCC (Brasil, 2018), de modo a relacionar os resultados da análise a habilidades e práticas de linguagem previstas para o Ensino Fundamental.

Resultados e discussão

A leitura dos dois cordéis evidencia, inicialmente, que Jarid Arraes (2017) produz mais do que recontos biográficos em versos. A autora transforma a matéria histórica em gesto de reescrita da memória coletiva. Em vez de apenas informar sobre personagens do passado, os textos organizam uma cena discursiva em que a história é retomada sob um ponto de vista que interroga o esquecimento e devolve centralidade a mulheres negras. Essa operação é importante porque rompe com modos cristalizados de narrar a formação do Brasil e devolve espessura humana, política e simbólica a figuras frequentemente ausentes dos materiais didáticos.

No cordel dedicado a Maria Felipa, destaca-se a construção de um *ethos* de coragem combativa, associado não somente ao enfrentamento físico, mas também à liderança popular. A personagem não aparece como presença acessória em um processo conduzido por outros agentes históricos. Ao contrário, surge como sujeito de ação, capaz de liderar, articular e mobilizar coletivamente. Nesse ponto, verbos de ação, qualificativos valorativos e a cadência afirmativa dos versos operam de modo decisivo. Em termos retóricos, isso significa que a imagem de Maria Felipa é produzida por uma combinação entre louvor, evidência narrativa e orientação afetiva do leitor. Como sugere Aristóteles (2005), a persuasão também se apoia na imagem de caráter construída no discurso; aqui, essa imagem desloca representações passivas da mulher negra e a reinscreve como agente histórica legítima.

No cordel de Tereza de Benguela, por sua vez, sobressai um *ethos* de liderança política e de racionalidade organizadora. Se Maria Felipa é fortemente associada ao combate, Tereza é apresentada como governante, articuladora e estrategista. A construção dessa imagem é relevante porque impede que a resistência negra feminina seja lida apenas sob a chave do heroísmo guerreiro. A personagem é configurada como figura de comando, administração e inteligência coletiva, o que amplia o campo de sentidos do protagonismo feminino negro. O cordel insiste, assim, em uma forma de exemplaridade que não se reduz ao gesto bélico, mas inclui capacidade de organização social, gestão do comum e permanência histórica.

Além das personagens tematizadas, importa observar o *ethos* da própria voz enunciativa. Em vários momentos, os cordéis deixam ver uma instância que denuncia mentiras repetidas, critica os registros oficiais e afirma a legitimidade de falar a partir de um lugar de pertencimento. Esse ponto é central. Conforme Bini e Sella (2023), elementos linguísticos aparentemente localizados, como escolhas lexicais, operadores de orientação argumentativa e marcas de subjetividade, podem agir retoricamente, direcionando a interpretação do leitor. Nos textos aqui analisados, o uso de léxico avaliativo, de contrastes entre esquecimento e memória, entre opressão e resistência, e de marcas da primeira pessoa produz um *ethos* de correção histórica e de legitimidade ética. Tal movimento aproxima-se do que os autores defendem ao tratar da transposição teórica da Retórica para o ensino: ler criticamente um texto implica perceber como ele organiza adesões, valores e imagens de si.

Do ponto de vista formal, o ritmo, as rimas, a regularidade estrófica e a oralidade não aparecem como ornamento. Essas marcas contribuem para a memorização, para a circulação do texto e para sua potência pedagógica. Ao unir condensação poética, musicalidade e densidade histórica, o cordel favorece a aproximação dos estudantes com temas complexos sem abrir mão da força estética. Essa característica é produtiva na escola, pois permite conjugar fruição literária e reflexão histórica, evitando que o texto seja tratado apenas como pretexto para exercícios exteriores a ele.

No plano pedagógico, os resultados da análise mostram forte convergência com a BNCC (Brasil, 2018). No campo artístico-literário, o documento prevê, para o 3º ao 5º ano, habilidades como ler e compreender textos literários de diferentes gêneros, apreciar poemas e outros textos versificados, explorar rimas, sons e imagens poéticas, declamar poemas com entonação adequada e, especificamente no 3º ano, recitar cordel. Isso significa que o trabalho com os textos de Jarid Arraes não depende de justificativas externas ao currículo; ele encontra respaldo explícito nas orientações nacionais. Ao mesmo tempo, a abordagem das trajetórias de Maria Felipa e Tereza de Benguela responde às exigências de uma educação comprometida com a valorização das diferenças, com o respeito à diversidade cultural e com a formação ética dos estudantes.

Nesse sentido, o potencial pedagógico dos cordéis analisados manifesta-se em diferentes frentes. Na leitura oral, favorecem ritmo, entonação, escuta e performance. Na interpretação, permitem discutir quem fala, de quem se fala e quais valores são atribuídos às personagens. No estudo da linguagem, possibilitam observar rimas, repetições, adjetivação, verbos de ação e efeitos de sentido produzidos pela organização em versos. No diálogo com a História, ampliam o repertório estudantil e problematizam a seleção de personagens tradicionalmente legitimadas pelo currículo. No campo da educação antirracista, ajudam a tensionar apagamentos e a valorizar heroínas negras como referências de inteligência, coragem e liderança. Desse modo, a literatura de cordel torna-se uma via fértil para práticas interdisciplinares entre Língua Portuguesa e História, especialmente no 5º ano do Ensino Fundamental, etapa em que a consolidação da leitura, da oralidade e da consciência histórica pode ser significativamente fortalecida.

Conclusões

A literatura de cordel apresenta efetivo potencial pedagógico no Ensino Fundamental. Os cordéis de Maria Felipa e Tereza de Benguela favorecem a leitura literária, a oralidade e a ampliação do repertório histórico dos estudantes. As imagens construídas nessas narrativas tensionam apagamentos da história oficial e valorizam protagonismos negros femininos. O trabalho com esses textos contribui para práticas interdisciplinares alinhadas à BNCC e para a formação crítica, ética e inclusiva dos alunos. A escola reafirma, assim, seu papel na construção de memórias mais plurais e socialmente comprometidas.

Palavras-chave: literatura de cordel; memória histórica; protagonismo negro feminino; ensino fundamental; formação crítica.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALVES, Henrique Roriz Aarestrup; FRONZA, Clarisse Odete Faccio. Literatura e história: mulheres negras brasileiras nos cordéis de Jarid Arraes. *Revista de Literatura, História e Memória*, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 127-152, 2021. DOI: 10.48075/rllhm.v17i29.26094.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Edipro, 2005.

BINI, Renan Paulo; SELLA, Aparecida Feola. *Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.



XVI FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: SABERES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

27 a 30 de maio 2026 - Sertão Central - Quixadá - CE.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia